

Tributo Para Dra. Margarida H. Windholz (Maggi), Por Suas Contribuições Para A Análise Comportamental No Brasil.¹

Dr. Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes*

1 AGRADECIMENTO E EXPLICAÇÃO

Agradeço o convite para saudar a Dra. Margarida Hofmann Windholz, a Dra. Maggi**, neste evento. Este privilégio se deve ao meu envolvimento com um conjunto de iniciativas relacionadas a ela.

A primeira delas, que desencadeou as demais, foi, na condição de editor da Editora Edicon, convidá-la para reeditar seu pioneiro e precioso livro “Passo a Passo, seu Caminho”, ao qual ela anuiu e se dedicou totalmente.

A segunda iniciativa foi propor a Denis Zamigani, presidente da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC),

que o livro dela fosse lançado neste XXV Encontro. A Diretoria autorizou e fez mais: decidiu prestar-lhe a homenagem desta noite, em reconhecimento por suas importantes e continuadas contribuições para o desenvolvimento da Análise Comportamental no Brasil.

Minha terceira iniciativa foi incentivar pessoas e entidades, no que resultaram 6 eventos em setembro, em sua vinda ao Brasil: esta homenagem em Foz e 5 outros na cidade de São Paulo².

Tantas homenagens são uma amostra da receptividade que a comunidade acadêmica e a judaica, bem como a sociedade dão a ela, e é o reflexo da importância da Maggi.

* Mestrado e doutorado em Psicologia Experimental pelo IP-USP. Contato: profjayro@profjayro.com.br.

** Doutorado em Psicologia USP, Professora Aposentada do Departamento de Psicologia Experimental do Inst. Psic. da USP (DPE-IPUSP). Contato: maggi@windholz.co.il. (Aos 90 anos, se já era radioamadora desde 1965, agora usa Skype, WhatsApp, Face etc e, brevemente, o Blog: Magwinblog.wordpress.com).

1 Saudação à Maggi, na abertura do XXV Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental e II Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento, promovido pela Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), em Foz do Iguaçu, no dia 7 de setembro de 2016. Abertura que a homenageava por suas contribuições ao desenvolvimento da Análise Comportamental no Brasil. Por conta da emoção do momento, esta saudação só foi revelada parcialmente, mas aqui se encontra na íntegra e mais: vai acrescida de Notas de Rodapé e foi gentilmente revisada pela Maggi.

2 Programação com Maggi no Brasil, em setembro:

1 – Dia 7. XXV Encontro da ABPMC: Homenagem, na abertura do Encontro; Mostra Fotográfica sobre Maggi; Lançamento da 2ª edição do livro “Passo a Passo”.

2 – Dia 13. Comunidade Judaica/Grupo Chaverim: Rodada de Conversa, com mediação de José Goldfarb e Ester Tarandach; Lançamento da 2ª edição do livro.

3 – Dia 15. S. Paulo. Museu de Psicologia do IP-USP: Colóquio sobre Fred S. Keller, mediação de Ant. J. F. M. Fagundes; Mostra Fotográfica sobre Maggi e suas Publicações; Lançamento da 2ª ed. do livro.

4 – Dia 19. S. Paulo. PUC-SP: Colóquio sobre Autismo, com mediação de Paula Gioia; Lançamento da 2ª edição do livro.

5 – Dia 21. S. Paulo. PUC-SP, Núcleo em História da Psicologia- (NieHPsi). Colóquio sobre História da Psicologia no Brasil, com mediação de Maria do Carmo Guedes.

6 – Dia 22. S. Paulo. TV-PUC: Entrevista de Maggi e seu filho David Windholz com José Luiz Goldfarb.

2 QUEM É MAGGI E QUAL SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL NO BRASIL

Em um Encontro como este, tendo jovens em sua maioria, não estranha que Maggi não seja conhecida. Por isso, faço dela uma breve apresentação, o que, concomitantemente, irá mostrar seu pioneirismo em vários setores e seu pioneirismo em Psicologia Aplicada, evidenciando sua importância para o desenvolvimento, consolidação e divulgação da Análise Comportamental no Brasil.

Tive a felicidade de ter sido seu aluno em 1971, quando fazia pós-graduação em Psicologia na USP, que teve início em 1970, no Instituto de Psicologia. Frequentando sua bela casa, na Rua Manduri (São Paulo, SP), eu ficava impressionado em vê-la, como Radioamadora, se comunicando com filhos e parentes nos Estados Unidos e Israel. E era radioamadora desde 1965, conseguindo se comunicar amplamente, num mundo ainda sem internet... O que mostra seu pioneirismo até nisso! Bem, hoje ela não dispensa Skype, WhatsApp, Face e o que mais vier por aí...

Em 1936, quando tinha 10 anos, Maggi, sua irmã gêmea e seus pais fugiram dos horrores nazistas e vieram para o Brasil. Alemã de nascimento, é brasileira de coração e por ter-se naturalizado. Esta simpática e tão disposta senhora não parece, mas completou 90 anos no dia 23 de maio passado. Até acho que achou a fonte da juventude em Israel...

Ela integrou a **primeira** turma de formandos do Curso de Psicologia da USP (1958-1961), na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). É professora aposentada do Departamento de Psicologia Experimental, do Instituto de Psicologia da USP (IP-USP). Faz parte da Academia Paulista de Psicologia, ocupando, desde 1982, a cadeira 12, que tem como patrono Raul Carlos Briquet, um dos pioneiros da Psicologia no Brasil.

Suas linhas de pesquisa (apoiadas pelo CNPq e FAPESP) eram principalmente: Psicologia do Excepcional, Processo ensino/aprendizagem, Programação curricular para indivíduos com problemas de desenvolvimento, Relações mães/bebês e avaliação de bebês.

Em 1977, foi cofundadora e ministrou cursos no que se tornou o Programa de Pós-graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de São Carlos, que foi o **primeiro**³, e, até 2004, era o único existente no País, totalmente voltado para essa área.

Betti e Keller. Foi colaboradora, por muitos anos da Dra. Bettina Katzenstein-Schoenfeldt⁴, a Dra. Betti, uma das pioneiras no Brasil da Psicologia, especialmente a Infantil, e foi aluna de um dos pioneiros da Análise Comportamental, o Professor Dr. Fred Simmons Keller, amigo e colaborador de Skinner.

Betti e Keller, dois grandes amigos seus, foram duas pessoas que tiveram influência marcante na estrutu-

³ Informação veiculada no site da UFSCar. Disponível em: <http://www.pggees.ufscar.br/apresentacao/historico>. Acesso em: 20 maio 2016.

⁴ Seu relacionamento, de cerca de 30 anos com a Dra. Betti, começou quando Maggi tinha 16 anos, atuando como secretária e, mais tarde, como colaboradora dela, no consultório da Dra. Betti.

ra de seu modo de pensar e de atuar na vida acadêmica e na clínica psicológica infantil, e tanto que os considera como seus “pais intelectuais”.

Quando fazia o último ano da graduação em Psicologia, foi aluna de Keller, professor visitante da Universidade de Columbia (Nova Iorque), participando do curso que **introduziu** os estudos da AC no Brasil, ministrado na FFCL da USP, em 1961, a convite de seu diretor, Paulo Sawaya. Dele tomou parte, juntamente com os já professores Carolina Martuscelli Bori e Rodolfo Azzi, tendo como colegas: Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura, Maria Inez Rocha e Silva (D. Mauze), Maria Helena Raimo, Carlos Prósperi e cerca de uma dezena de outros, conforme me informou Maggi.

Com Keller se correspondeu durante toda a vida dele (faleceu em 1996). E na próxima semana fará doação de cartas manuscritas de seu mestre para o Museu de Psicologia da USP⁵, que tem uma sala dedicada a ele e que abriga a biblioteca particular dele, obtida por intermédio de Maria Amélia Mattos⁶.

Maggi visitou Keller várias vezes nos Estados Uni-

dos, o hospedou em sua casa, em São Paulo, e até o saudou, em nome dos brasileiros, em um Simpósio da APA, nos Estados Unidos, em 1989⁷.

Com Keller, Maggi bebeu na primeira fonte de águas cristalinas da AC que jorrou no Brasil, em 1961. E mais: tanto se entusiasmou por esta abordagem e pelo exemplo do Keller, que passou sua vida a difundir a AC.

Rorschach. Foi pioneira ao publicar um manual, em dois volumes, para a aplicação do teste de Rorschach⁸ em crianças, assunto de sua tese de doutorado, sob orientação da Dra. Annita de Castilho e Marcondes Cabral⁹.

Observação Comportamental. Maggi e seu colega de magistério na USP, o Dr. Walter Hugo de Andrade Cunha, foram pioneiros em mostrar a necessidade, assentar as bases e motivar várias gerações de alunos de graduação e pós em Psicologia, difundindo o estudo sistemático¹⁰ da observação comportamental, no Brasil. Tive o privilégio de ter sido aluno dos dois e deles sou um tributário agradecido¹¹.

⁵ A doação foi feita no dia 15 de setembro, em evento promovido pelo Museu de Psicologia do Instituto de Psicologia-USP, para homenageá-la, e que contou com o Colóquio “Conversando com Maggi sobre Fred S. Keller”, mediado por mim, e uma Exposição sobre a Maggi e suas publicações.

⁶ Maria Amélia foi triplamente colega de Maggi: no primeiro curso de graduação de Psicologia da FFCL-USP, no primeiro curso ministrado por Keller, de quem ambas receberam influência marcante, bem como no magistério no DPE do IP-USP. Maria Amélia, incentivada por Keller, no ano seguinte ao curso dele de 1961, foi fazer mestrado (terminado em 1964), na Universidade de Columbia, tendo Keller como seu orientador, e doutorado em Análise Experimental do Comportamento/Psicologia Experimental, orientada por William Nathan (Nat) Schoenfeld, mas sempre contando com a colaboração do Keller, PhD concluído em 1969, segundo Tomanari (2006).

TOMANARI, G. Y. (2006) We lost a leader: Maria Amélia Matos (1939–2005). *The Behavior Analyst*, 29(1), 109-112. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2223174/>. Acesso em: 15 out. 2016.

⁷ Association for Behavior Analysis - Annual Convention, Milwaukee, Wisconsin, USA. May, 25/28, 1989. Symposium: Keller and the Brazilian connection. May, 27th, 1989. Murray Sidman, Chair.

⁸ Windholz, M. H. (1969). *Rorschach em crianças*. Vol. 1: A pesquisa. São Paulo: Vetor, 1969; Windholz, M. H. (1969). *Rorschach em crianças*. Vol. 2: Catálogo de respostas. São Paulo: Vetor.

⁹ Windholz, M. H. (1969). *Respostas de crianças escolares paulistanas ao teste de Rorschach: um estudo normativo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia Experimental. São Paulo: 1969.

¹⁰ Registro elogio ao trabalho da Maggi, dado por sua orientadora de doutorado, Annita Cabral (após corrigir um trabalho observacional com crianças que fiz para o curso da Annita, segundo as orientações dadas no curso feito com a Maggi), elogio em que Annita reconhecia a contribuição da Maggi no ensino da Observação: “Que profusão e riqueza de informações a observação sistemática permite!”

¹¹ Sentimento confessado no Posfácio de meu livro, que tem o privilégio de ter dois importantes Prefácios, que nele sempre permanecerão: o da Maggi, desde a 1ª ed., e do Walter Hugo, na última (17ª ed.). [Fagundes, A. J. F. M. (2015). *Descrição, definição e registro de comportamento*. 17. ed. rev. e amp. Inclui catálogo com 155 definições comportamentais. São Paulo: Edicon].

Educação especial. Maggi também foi pioneira na aplicação da Análise Comportamental em educação especial, com seu alentado volume “Passo a Passo: seu Caminho - Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas”¹².

Esse livro foi o resultado de 15 anos de aplicação prática, em clínicas psicológicas e outras instituições, principalmente em duas escolas paulistanas em que atuou por muitos anos: (1) a de orientação infanto-juvenil do **CIAM** - Centro Israelita de Assistência ao Menor e (2) a **CARE**- Carminha - Associação para Reabilitação do Excepcional, fundada por ela e Celma Maria Vieira Cenamo, em 1972, que ensinava, conforme a AC, uma nova maneira de atuar com crianças e jovens com problemas de desenvolvimento. No CIAM, aplicava alguns princípios da Análise Experimental do Comportamento; já na Escola da Carminha, fazia mais, pois foi a primeira do Brasil toda ela programada segundo a AC.

E vejam a importância da Escola da Carminha, que Maggi fundou e onde atuou: contou com o incentivo, entre outros, de personalidades marcantes da AC, que nela estiveram e a ela deram contribuições. Por exemplo: Fred S. Keller, Charles B. Ferster, Donald M. Baer, Sidney W. Bijou, Jack Michael e Robert Vance Hall.

Na Escola da Carminha, já em 1972, iniciou pioneiras intervenções comportamentais com crianças e jovens com necessidades especiais (por exemplo: intervenções com autistas, descritas em Windholz, 1995)¹³, que hoje são adultos integrados socialmen-

te e produtivos. Uma demonstração significativa dos resultados que ela propiciava é o fato de uma mãe agradecida, cujo filho, hoje adulto adaptado socialmente, durante muitos anos ter contribuído com bolsas de estudo para crianças carentes da Escola da Carminha.

A convicção de Maggi de que toda proposta de intervenção deve, necessariamente, estar vinculada ao ensino e à pesquisa, na Escola da Carminha e no CIAM, era a regra que possibilitou, a seu pessoal e estagiários (principalmente psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicopedagogos e professores), se tornarem divulgadores dessas mesmas preocupações e não apenas os muitos pós-graduandos que nelas estagiaram.

Além da sua clínica particular, onde atuavam psicólogos e profissionais de outras áreas, foi **assessora** em diversas escolas, especialmente no Colégio Pauliceia, escola inclusiva, na qual, com sua diretora Carmen Lydia de Marco, orientou a instalação de classes para autistas, desde o Maternal e Jardim, a partir de 2002.

Ao fazer a avaliação psicológica de crianças, para conhecer o ambiente familiar seguindo o modelo de sua mestra, Dra. Betti, foi pioneira, introduzindo as visitas domiciliares, bem como o uso da acompanhante escolar, para facilitar a inclusão da criança na escola.

Ao longo de sua carreira, orientou um número significativo de crianças e seus **pais**, alguns dos quais

¹² Windholz, M. H. (1988). Passo a passo seu caminho: guia curricular para o ensino de habilidades básicas. São Paulo: Edicon. [A 2ª ed. revista, atualizada e ampliada foi lançada dia 8 set. 2016, no XXV Encontro da ABPMC, em Foz do Iguaçu. Edicon: edicon@edicon.com.br].

¹³ Windholz, M. H. (1995). Autismo infantil: terapia comportamental. In: J. S. Schwartzman e F. B. Assumpção Jr. (Orgs.). Autismo infantil (pp. 179-210). São Paulo: Memnon. No depoimento de Schwartzman, ele menciona o encaminhamento de uma criança autista por uma psicóloga. Esta psicóloga foi Maggi.

ainda hoje a procuram quando têm dúvida. Para uso desses pais, organizou e coordenou um grupo de voluntários (Comunidade Virtual Autismo no Brasil - CVAB¹⁴) que traduziu e, em 2006, disponibilizou, gratuitamente na internet, os dois volumes de Lear (2004)¹⁵, um programa de treinamento em Análise do Comportamento Aplicada, que tem sido usado extensivamente por aqueles que se dedicam à educação de autistas.

Atuação Social. Saliento também sua intensa atuação social, a vida toda, lembrando, por exemplo, que participou do grupo que, durante o segundo semestre de 1960, batalhou e **fundou** a APAE de São Paulo - Associação de Amigos e Pais dos Excepcionais, no dia 4 de abril de 1961; grupo que também incentivou a formulação de políticas públicas em prol dos que demandam uma educação especial¹⁶.

Voluntariado. Além do mais, em meio às suas múltiplas atividades, sempre fez questão de atuar como voluntária, prestando atendimento psicológico a instituições da comunidade. Por exemplo: Lar das Crianças da Congregação Israelita, Creche da Organização Feminina Israelita de Assistência Social - OFIDAS, Movimento Comunitário Estrela Nova, Sociedade Pestalozzi, Cruzada Pró-Infância e Lar -Escola São Francisco. Em todos esses lugares, contribuiu para formar pessoal que desse continuidade a seu trabalho.

3 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DA MAGGI

Ainda para o surgimento e desenvolvimento da Análise Comportamental entre nós, eu destaco algumas das contribuições da Maggi, nem sempre conhecidas, que tive o privilégio de saber, por ter tido acesso a anotações dela.

Em 1969, após defender sua tese de doutorado, foi contratada pela Dra. Carolina Martuscelli Bori para atuar na USP, porque Carolina queria aproveitar a experiência de 20 anos que Maggi tinha em clínica, parte como assistente da Dra. Betti, e, com a ajuda da Maggi, introduzir a Análise Comportamental **Aplicada**, no programa de pós-graduação, o que passou a fazer nos dois cursos que ministrava:

(1) Psicologia Experimental Aplicada: Observação do Comportamento Humano; (2) Modificação do Comportamento Humano.

Ela foi a primeira pessoa a documentar o uso da AC com autistas entre nós, em 1974-75. É seu o **1º caso de autista descrito na literatura brasileira**, em capítulo que escreveu em Salomão Schwartzman¹⁷ (1995). Um dos raros estudos longitudinais, acompanhando, por 20 anos, o tratamento de um autista.

Mas não foi apenas na USP, para o pessoal de Psicologia, alunos e orientandos, que ela colaborou para

¹⁴ A CVAB é a primeira comunidade virtual em língua portuguesa sobre autismo, fundada em 13 dez. 1998, e ainda atuante, formada principalmente por pais e educadores, preocupados com a educação e integração social de autistas. Desde 2001, Maggi participa ativamente das discussões, orientando e esclarecendo dúvidas. Essa comunidade está hospedada em: www.yahoo grupos.com.br/groups/autismo. Acesso em: 10 maio 2016.

¹⁵ Lear, K. (2006). Ajude-nos a aprender (Help us learn): um programa de treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo autoestabelecido. Trad. Margarida Hofmann Windholz, Marialice de Castro Vatauk, Inês de Souza Dias, Argemiro de Paula Garcia Filho e Ana Villela Esmeraldo. Disponível em: <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

Original: Lear, K. (2004). Help us learn: a self-paced training program for ABA. Part I: Training Manual. 2th ed. Toronto, Ontario – Canada: [s.n.].

¹⁶ Conforme se vê na introdução de Cytrynowicz, M. M. (2004) Somos todos iguais e diferentes: história do Centro Israelita de Assistência ao Menor (Ciam) e da Aldeia da Esperança. São Paulo: Narrativa Um.

¹⁷ Windholz, M. H. (1995). Autismo infantil: terapia comportamental. In: J. Salomão Schwartzman e Francisco B. Assumpção Jr. (Org.). Autismo infantil (pp. 179-210). São Paulo: Memnon.

difundir a Análise comportamental. Citarei alguns cursos que ministrou para **profissionais de outras áreas**, no que foi pioneira, entre nós, por ex.:

- Para **fonoaudiólogos e fisioterapeutas**, em fins de 1970, deu um curso com demonstrações práticas, no consultório dela, usando Caixas de Skinner, junto com seu colega de magistério na USP, Dr. Mário Arturo Alberto Guidi¹⁸. Entre outros, participaram desse curso as professoras de fono da USP: Ida Lichtig, Maria Cecília Bevilacqua (Campus de Bauru), Vera Lúcia Bailão, que muito trabalhou com Maggi e Lúcia Werner Peliciotti, com quem ela fez parceria em vários trabalhos apresentados em Congresso Internacional, em Israel.

- Nos anos de 1990, para **orientadores e diretoras de Escolas Municipais** de São Paulo, ministrou cursos de “Manejo de Sala de aula”, introduzindo conceitos básicos de ensino-aprendizagem, estruturação de ambiente e programação, segundo a Análise Comportamental.

- No final dos 80 e começo dos 90, para a Fundação Catarinense de Educação Especial - FCEE¹⁹, em Florianópolis, deu **cursos anuais** para **diretores e supervisores escolares** de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

- Em 2006, no Colégio Pauliceia, no qual atuou por muitos anos, desde 1990, ministrou cursos para **diretores, orientadores e professores de Escola**

Pública, da cidade paulista de Registro, sobre conceitos básicos de Análise Comportamental e orientação para instalação de sala para autista.

- Além de cursos, deu **assessoria** para **escolas**, para a orientação de crianças com déficits de desenvolvimento.

4 O GRANDE LEGADO DE MAGGI

Maggi produziu vasta literatura, principalmente para difundir a AC na educação de crianças e jovens, de modo particular para os que requerem Educação Especial. Tal literatura está atualizada, nas Referências da 2ª edição de “Passo a Passo, seu Caminho”, livro que acaba de ser impresso e será lançado amanhã, durante este Encontro. Por ser esse livro uma das mais significativas contribuições dela para a divulgação da AC no Brasil, faço alguns comentários a respeito dele.

“Passo a Passo”, além de conter um curso básico de Análise Comportamental, pioneiramente²⁰ descreve, em detalhes, 18 programas para a aplicação desses princípios para a aprendizagem de habilidades fundamentais para o desenvolvimento geral, emocional, social e cognitivo de crianças e jovens, especiais ou não.

Eu publiquei esse livro em 1988, pela Editora Edicon. Ao convidá-la para esta segunda edição, ela se perguntou, como acadêmica conscienciosa que é, se 28 anos depois, ele não estaria superado

¹⁸ Segundo Maggi, Mário Guidi participou do 2º curso de AC, dado por Keller na USP, em 1962. Mário foi coautor do primeiro manual de laboratório para demonstração de princípios básicos da AC, bem como, por suas habilidades em eletricidade e mecânica, auxiliado por seu técnico Silvano Scavazza, construiu os protótipos da Caixa de Skinner, Caixa de Mowrer e, para tais estudos, outros dispositivos usuais no Brasil, produzidos pela FUNBEC, que funcionou, muitos anos, na Cidade Universitária da USP, em São Paulo. Eis o manual: Guidi, M. A. A.; Bauermeister, H. B. (1968). Exercícios de laboratório em psicologia. São Paulo, SP: Martins Fontes.

¹⁹ “Primeira instituição pública estadual do Brasil responsável pela definição e coordenação de políticas de Educação Especial [...], criada em maio de 1968 e vinculada à Secretaria de Estado da Educação [...]”. Informação veiculada no site da FCEE. Acesso em: 15 out. 2016. Disponível em: <http://www.fcee.sc.gov.br/index.php/institucional/sobre-a-fcee>.

²⁰ O leitor atento terá reparado que deixei em destaque (sublinhado) as atividades em que Maggi foi pioneira entre nós. Se contá-las verá que foram muitas: 9 ao todo!

e consultou especialistas da Univ. Federal de S. Carlos, PUC-SP, USP e as antigas 4 colaboradoras do livro²¹. Todos foram unânimes em dizer que ele é atemporal, um clássico, uma contribuição perene e merecia ser reeditado. Diante disso, foi iniciada a revisão que, em 6 árduos meses, contou com a ajuda de 5 colaboradores²², revisando e atualizando o livro em alguns aspectos e acrescentando outros.

Em síntese, restou um legado, precioso para as próximas gerações de pais e profissionais, principalmente para quantos se beneficiarão com sua aplicação e poderão se desenvolver adequadamente e se integrar na sociedade.

* * *

Significados especiais. Ah, para mim, nesse árduo processo de coordenação editorial do livro na Edicon e no preparo dos 6 eventos para a Maggi, o que de mais significativo aconteceu é o que ela me relatou um dia: o convite para a reedição chegou pouco depois da morte de Siegfried Windholz (Fridel), seu esposo, com quem viveu 70 anos, morte que a deixou em depressão. Pois ela viu na reedição do livro “**um propósito de vida**”, uma razão para lutar e se enfrontou duramente na sua revisão e atualização, a ponto de superar sua

depressão e “ficar a mil”, –como o fazia antigamente– coordenando vasta equipe, pesquisando e ampliando o livro.

Pois agora, ao voltar para Israel, no final de setembro, como não terá mais a agitação para rever e ampliar o livro, ela quer ocupação para manter-se ativa, que, com a ajuda de vocês, poderemos dar-lhe: o filho Ari montou um Blog para ela continuar a dar ajuda a profissionais, pais e quantos necessitem de sua orientação segura. Eis o endereço, para que escrevam para ela: **Magwinblog.wordpress.com**.

Para mim, que cursei Pós Graduação em Psicologia Experimental na USP, no seu início instalada no velho B10²³, a homenagem que a ABPMC hoje presta à Maggi tem também um outro significado: o de **reparo histórico**. No B10, nos anos 70, a ênfase era fazer pesquisa básica e os raros professores, como a Maggi, que faziam pesquisa aplicada eram vistos com “o rabo do olho”, com um certo descaso.

Mas o resultado está aí: os que a desvalorizavam tiveram seu tempo de glória, sim, mas os frutos do trabalho da Maggi continuam até hoje, atestando que uma coisa não poderia excluir a outra. E que o ganho social de tantas crianças e jovens, destinados

²¹ Foram consultados, entre outros, da Univ. Federal de S. Carlos: Deisy de Souza e Antonio Celso de Noronha Goyos que, coincidentemente, estavam se propondo a reeditar o livro; da PUC-SP: Maria do Carmo Guedes; do IP-USP: Sônia Beatriz Meyer, que foi uma das quatro colaboradoras da 1ª edição, e consultou também as outras três: Ana Lúcia Rossito Aiello, Ana Lúcia Cortegoso e Célia M. C. Gonçalves Loch.

²² As quatro colaboradoras da primeira edição e Antônio Celso de Noronha Goyos.

²³ Nos anos 70, quando fiz a pós, e depois, B10 (Bloco ou Barracão 10) era a denominação usual (e praticamente única, pois se dizia: “Vou ao B10” e não: “Vou ao Dep. Psic. Experimental”), denominação para designar o barracão especialmente construído na Cidade Universitária, que, segundo Ades e outros (2014), foi ocupado em 1968, pelo que, depois, se tornou o Departamento de Psicologia Experimental, do Instituto de Psicologia da USP e que, de 1966 até a mudança para a Cidade Universitária, tinha suas atividades em uma casa na Rua Cristiano Viana, 177, em Pinheiros, na capital paulista.

Informações corroboradas por Walter Hugo de Andrade Cunha, que acrescenta que acompanhou a construção do B10, sendo que ele e outros professores foram consultados para indicar suas necessidades de salas e laboratórios, a serem feitos no B10 (comunicação pessoal).

Ades, C. (in memoriam) e outros (Org.). (2014). A Glette, o palacete e a Universidade de São Paulo. (pp. 131) São Paulo, SP: Centro de Memória do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

à exclusão social e a uma vida sem perspectivas, que se viram encaminhados para uma vida com qualidade, tornando-se pessoas entrosadas socialmente e desempenhando papéis diversos na sociedade, que tal ganho social enaltece e glorifica a opção acadêmica da Maggi em fazer e ensinar a fazer pesquisa aplicada em humanos, para o que, especificamente, a Dra. Carolina Martuscelli Bori a tinha contratado na USP. Mérito inquestionável da Maggi, graças ao discernimento e apoio da Dra. Carolina!

Termino lendo a dedicatória para a Maggi, de um livro recente²⁴ sobre AC para educação de autistas, escrito por Camila Gomes e Analice Silveira, que estão

neste Encontro, vindas de Belo Horizonte, MG, especialmente para poder conhecer, agradecer e parabenizar a Maggi. No seu prefácio, elas dizem assim:

[Dedicado ao] “ícone da história do autismo no Brasil, a professora Margarida Windholz, que com o seu livro *Passo a passo, seu caminho nos inspirou a trabalhar com qualidade, a organizar o ensino e a acreditar que as pessoas com autismo poderiam aprender, desde que estratégias adequadas de ensino fossem utilizadas.*”

E, agora, eu os convido a saudar Maggi com uma salva de palmas!

²⁴ Gomes, C. G. S., & Silveira, A. D. (2016). *Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva*. Curitiba, PR: Appris.

Recebido em 20/11/2016
Revisado em 05/02/2017
Aceito em 15/02/2017